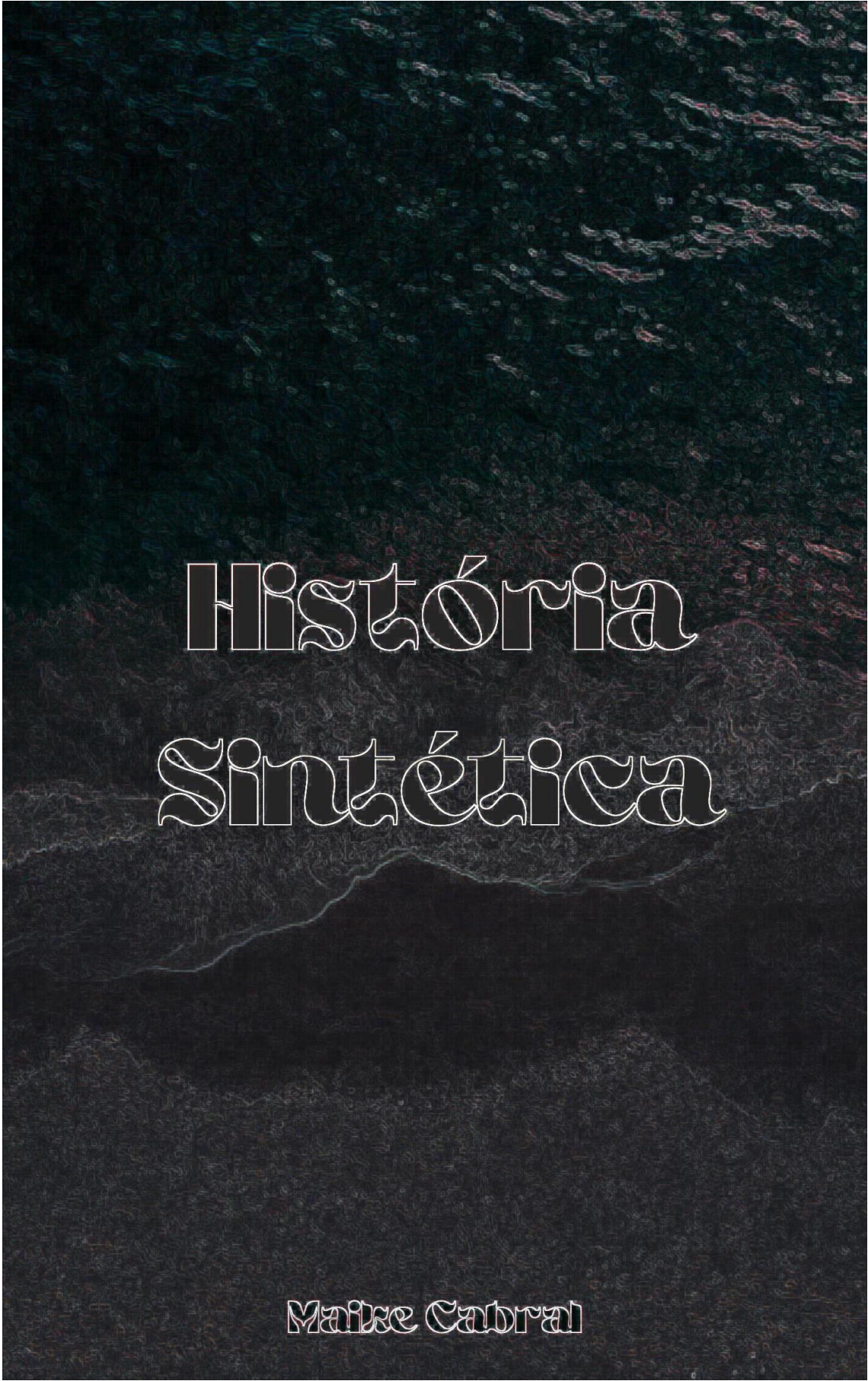




História Sintética

Maíse Cabral

Finis coronat opus

2023

HISTÓRIA SINTÉTICA

Neste ensaio trataremos das dimensões possíveis que tangenciam o âmbito da história bem como a necessária junção sintética que as fundamentam. Seguiremos no método de exposição os passos trilhados por Agostinho, sábio perscrutador dos destinos da alma e da história, que afirmava que a estrutura do ser humano se encontra em correspondência às três Pessoas da Santíssima Trindade, como decorrência direta das três principais faculdades enraizadas em sua alma: a vontade, a memória e a inteligência.

A *História Sintética*, aludindo à unidade inextricável entre o incessante desenvolvimento da criação e a sublime ação Providencial, ou seja, a harmonia entre as três dimensões fundamentais do acontecer, também se desvela como objeto de contemplação para a consciência, tendo em vista a condição singular do homem situado entre o efêmero fluir do tempo e a atemporalidade enigmática da eternidade.

As possíveis três dimensões começam pela *História Natural*, cuja essência vinculamos à faculdade sublimada da *Vontade*, que constitui uma dimensão majestosa que reverbera como expressão genuína do amor divino, personificado pelo *Espírito Santo*, cuja incumbência sagrada reside na perpetuação e sustentação do mundo em sua plenitude.

Essa dimensão abre, em sua essência, o fluxo temporal que perpassa os seres existentes desde o momento inaugural da criação até o desenlace derradeiro que se revela nos confins do tempo. Delimita-se, assim, aos elementos que se submetem à dinâmica constante do movimento, à inexorabilidade do tempo e à transmutação de estados. É nesse contexto circunstancial que a *História Natural* desabrocha, erigindo-se como instância existencial da narrativa suprema que, em seu sentido mais abrangente, abraça a plenitude do existir, uma vez que aquilo que obteve a dádiva da existência jamais se esvai no limbo do esquecimento, já que os eventos e acontecimentos que se iniciam na tessitura do tempo são irrevogáveis e eternamente participantes do *ser*.

A *História Pessoal*, intrinsecamente ligada à nobre faculdade da *Memória*, constitui uma esfera sublimada que se ergue como o bastião da persistência biográfica,

enaltecida pela imersão na impressão sensível e pelos julgamentos e eleições subsequentes, conduzindo-nos, assim, à ação pessoal deliberada, tão característica da essência humana.

Essa dimensão encontra sua correspondência sublime no âmago do Criador supremo, personificado pelo *Pai*, detentor da essência criadora que é inerente a Ele e que jamais se desvanece, assumindo toda a sua criação na memória eterna. Ainda que imersa no fluir temporal, essa dimensão transcende a mera efemeridade do tempo, uma vez que é dotada de uma potência criativa que a torna um agente autoral, seletivo e unificador. Diferentemente da dimensão natural, que se limita à mutabilidade de estados, a dimensão pessoal se erige como um veículo deliberante pelo qual o elemento supratemporal e não-histórico revela sua própria natureza, por meio da sublime e intrincada trama da *História Sintética*, manifestando-se, a seguir, em sua atuação biográfica e geração de uma narrativa formativa que permeia a consciência.

A *História Formal*, desempenhada por intermédio da escrutinadora faculdade da *Inteligência*, que por sua vez conhece, analisa e extrai formas das realidades percebidas, encontra-se inextricavelmente associada ao Verbo, à razão e à verdade, personificada no *Filho*.

Devido à sua função coordenativa e iluminada, compreendemos que essa dimensão é intrínseca à própria natureza que busca expressar e comunicar, com o mais elevado grau de precisão possível, a essência do acontecer em seu sentido último. Embora mais sutil e virtual em sua essência, a dimensão formal revela-se como um modo instrumental adequado para encontrar um sentido pleno na participação cósmica natural. Seu processo de síntese e geração do símbolo formal sintético e orientador, significando à experiência temporal, naturalmente confusa por si só, oferece uma imagem potencialmente suficiente da *História Sintética*, tornando-a minimamente apreensível.

Se alçamos a *História Formal* à devida atenção, e ela, na era moderna, é reverenciada como uma ciência que ousa especular acerca dos diversos eventos registrados pela memória coletiva, considerando sua vasta gama de modalidades, com o intuito de elucidar as ações e fatos que possuem significância para a humanidade em sua totalidade, somos inescapavelmente cuidadosos a reconhecer que sua causa repousa em um princípio consciente e deliberante, que persiste ao longo do fluxo temporal. Em outras palavras, essa causa está intrinsecamente entrelaçada a uma alma racional, que exerce

uma atuação ativa no processo de manipulação dessa memória e na construção de uma obra referencial.

Diante de tal perspectiva, podemos afirmar que a *História Formal* não existe por si, mas depende inexoravelmente de duas realidades interdependentes, indissociáveis em sua existência e intensificação:

1 - De um cenário primordial, meticulosamente urdido, onde os acontecimentos se desenvolvam de forma concreta e no qual possa revelar-se em sua própria tessitura existencial intrincada, em um fluxo contínuo e harmonioso desde o seu primeiro movimento primordial, conhecido como "Fiat", até à consumação que se vislumbra como um horizonte indeterminado, porém, repleto de razão e propósito;

2 - Da execução reflexiva e ponderada de um princípio inteligente, intrínseco à sua própria *História Pessoal*, que emerge numa criação de caráter instrumental e simbólico, meticulosamente determinado à contingência temporal, visando assim possibilitar uma compreensão ampliada acerca do complexo movimento universal e da efêmera existência temporal, não apenas aos contemporâneos, mas também às gerações futuras.

Podemos afirmar com propriedade que dentre as três dimensões, a formal, por sua vez, se revela como a mais sutil e etérea. Não obstante, é a única com a habilidade de representar de forma inequívoca o caráter inerentemente sintético que permeia a trama histórica.

É de suma importância destacar, com certa veemência, que a existência de uma história animal, vegetal, mineral - haja vista o fato de tais seres não engendrarem, ao contrário do homem, ações deliberantes, restringindo-se exclusivamente a manifestações passivas – é meramente analógica dentro do âmbito formal. Uma narrativa dessa natureza somente poderia emergir mediante uma inteligência que, supondo certa preponderância em algumas relações dadas a estes seres, automaticamente lhe atribuisse o estatuto de *História Formal*, ou seja, uma história engendrada pelo próprio ser humano. Em si mesmas, essas realidades estão circunscritas ao fator natural de historicidade, ou seja: ao registro no ser.

É preciso enfatizar que qualquer transformação ocorrida no reino animal, vegetal ou mineral ao longo das eras encontra-se intrinsecamente ligada à esfera abrangente da

História Natural, revelando-se esta como a essência primordial do existir, estabelecendo-se, assim, como base fundamental para a criação posterior, por parte da mente humana, de um símbolo representativo, uma obra formal de significância. É imperativo compreender que toda a *História Formal* exige uma base circunstancial que se aproprie das profundezas naturais e pessoais, servindo-se delas como alicerce estrutural.

Conforme nossa assertiva, todo movimento da natureza, inclusive aqueles que foram interrompidos no fluir do tempo, perdura como uma reminiscência na memória eterna, não mais como uma existência atual, mas como algo que participou efetivamente no ser. É nesse contexto que a *História Natural* se manifesta, representando a memória da mera existência temporal dos seres naturais, carregando consigo uma historicidade passiva, onde se delineiam possibilidades dentro da ordem do ser. A existência dos reinos mineral, vegetal e animal, por sua vez, configura-se como uma espécie de cenário ou ambiente propício ao florescimento de modalidades históricas superiores.

A *História Formal*, em todas as suas múltiplas concepções, somente pode existir em virtude da presença de uma capacidade histórica inerente à natureza daqueles que a causaram. Não há espaço para a história onde não se encontra presente um princípio racional que a fomenta, um princípio que, por sua vez, realiza a síntese das representações e das correspondentes imagens guardadas na memória, gerando um discurso coerente. Dado que apenas aquilo que emana da própria natureza do produtor pode ser promovido, concluímos que as almas racionais responsáveis pela elaboração da *História Formal* devem ser dotadas de uma *História Pessoal* intrínseca, mesmo que esta só seja discernível por meio do referido símbolo aproximativo e orientador.

A partir destas afirmações, surgem questionamentos pertinentes, tais como: de que forma Deus, que está além da história, pode ser seu produtor, considerando que nele não há sucessão, transformação ou movimento, logo, *história*? Como Ele, sendo a causa primordial que possibilita tudo o que ocorre, pode estar isento de possuir *história*, sendo Ele próprio o motor dos acontecimentos, o princípio e o fim de toda narrativa? Nesse contexto, o que parece ser uma deficiência aparente revela-se como uma limitação natural imposta à nossa perspectiva intelectual - e não a Deus! - ao se confrontar com a realidade do mistério. Ao aceitarmos o caráter misterioso desse aspecto, nos acomodaremos à ideia de que Deus possui "a" História e não "uma" História, como nós.

A *História Pessoal*, com sua origem e termo circunscritos ao âmbito temporal, encontra sua síntese definitiva na eternidade. A forma final de uma alma racional é moldada pela interação complexa entre suas ações planejadas e as circunstâncias vividas ao longo do tempo, perpetuando-se no resguardo dos acontecimentos. Dessa forma, cada alma racional se revela imortal, portadora de uma *História Pessoal* de caráter permanente, resultante de sua capacidade de agir deliberadamente com liberdade de vontade, distinta daquilo que observamos na *História Natural*, onde os entes carecem inteiramente de uma autoria primordial.

A despeito da ausência de um conceito formal de história em sua expressão mais refinada e enriquecedora, é mister destacar que toda alma racional inevitavelmente vivenciará uma narrativa inscrita na esfera da eternidade por meio da efemeridade temporal. Por virtude de sua própria natureza, a alma racional é dotada da capacidade intrínseca de moldar sua própria *História Pessoal*, de escrever no tecido do tempo aquilo que ficará indelevelmente registrado na memória do eterno - uma biografia derradeira. Consequentemente, a vida em comunidade, no âmbito temporal, reverbera, por analogia, aquilo que nos é familiar como historiografia, ou seja, um modo de *História Formal* que consiste no registro das ações humanas dotadas de significado a sua sociedade.

Sob a perspectiva da *História Pessoal*, é imperioso compreender que a retenção memorativa das ações transcende a estreita delimitação do que comumente rotulamos como "significativo". Afinal, todo o movimento consciente da vontade no âmbito temporal, por estar sendo inscrito na memória eterna e não unicamente em cada individualidade ou obra formal, acarreta a inacessibilidade desse derradeiro significado à pessoa, enquanto não forem aniquiladas por completo as vicissitudes da mudança e da temporalidade subjacentes à gênese desse próprio sentido. O que se apresenta ao alcance de nossa memória é um repertório insignificante daquilo que mais suscita nossa atenção, daquilo que parece ser mais relevante na tessitura do simbolismo formal, ao passo que as esferas registradas de importância não encontram eco no recôndito dos registros mnemônicos, pois, a magnitude do escrutínio e da devoção é direcionada a uma exígua parcela percebida de nossas atividades, revelando-se essa seleção minuciosa como uma constatação sempre limitada. Em meio à vastidão das experiências vivenciadas, apenas um ínfimo recorte de eventos é digno de ser submetido a um exame minucioso, devotando-lhes uma atenção reverente e meticulosa.

Sendo assim, a parcela substancial que abarca os atos de suprema deliberação, de modo geral, encontra-se entrelaçada e comprimida em meio a uma miríade de registros que compõem a memória relevante, ou seja, nosso conhecido ego, frequentemente desprovido de sua essência em relação ao todo, devido à confusão existente entre as noções de *acontecimento* e *realização*. Em última instância, a única memória substancial é a memória do eterno, a qual acessamos apenas de maneira imperfeita e fragmentada, conforme a importância atribuída a cada fato ou série de fatos particularmente marcantes. Não é possível possuir a contemplação plena de nossa existência estando no fluxo temporal, enquanto a obra está sendo gestada - *in statu viae* -, mas somente na morte, quando ocorre a revelação completa da forma final da *História Pessoal*. No entanto, será necessário despendermos uma quantidade exorbitante de esforço para assimilar de maneira integral nossa *História Pessoal* no âmbito temporal, contando com o auxílio da síntese realizada pela *História Formal* - a qual, embora não se constitua como a própria *História Sintética* em sua plenitude, constitui, ao menos, um símbolo aceitável e representativo dela.

A *História Formal*, em sua essência, manifesta-se de forma exclusivamente pragmática, enquanto a *História Natural* se restringe totalmente ao âmbito figurativo. Por sua vez, a *História Pessoal*, por desígnio Divino, assume um caráter paradigmático de alcance máximo. Assim sendo, a natureza e a técnica, em sua existência, encontram-se subordinadas a ela e são registradas em sua memória como num santuário permanente de acordo com aquilo que mais demanda sua atenção - não levando em conta a perspectiva do eterno, no qual tudo possui significado, inclusive aquilo que ignoramos.

A gênese do universo está intrinsecamente ligada à concepção da história, a qual se estendeu na reprodução do ser em graus ínfimos em relação ao seu princípio máximo de existência. Esse *ser*, inerente ao mundo, encontra-se sujeito às volições do Ser Supremo, o qual governa todas as coisas por meio de sua intervenção ininterrupta no movimento universal, de forma misteriosamente distinta, porém, não desvinculada dele. Tal Ser representa o ápice do *Ato*, responsável por criar, sustentar e promover o desenvolvimento de tudo o que existe no tempo, seja este de natureza contínua ou discreta.

A *História Natural*, por conseguinte, constitui a matéria das entidades criadas por uma Inteligência Suprema, incluindo a alma do homem, dotada de racionalidade e imortalidade. Por sua vez, a *História Formal*, fruto de uma das ações conscientes

compreendidas pelo ser humano, figura como uma verdadeira analogia à *História Sintética*, emergindo de suas vivências temporais e evocando, de modo inelutável, a existência primordial da *História Natural*, concernente às entidades em movimento e movimentadoras, e da *História Pessoal*, relativo às almas em trânsito, na busca de sua realização última e compreensão da realidade.

A *História Pessoal*, em sua singularidade inerente, se revela como a única intrinsecamente conatural ao princípio primordial de toda história concebível, devido à sua conexão íntima e superior com o princípio narrativo por excelência. É justamente através dela que a *História Natural* encontra sua razão de existir, sendo a *História Formal* gerada por este intermediário - a inteligência humana.. A trajetória da alma racional, por sua vez, transcende e abarca qualquer outra narrativa histórica, uma vez que, por sua própria natureza, é dotada de compreensão histórica. É em relação a essa história interior que todas as demais adquirem sua essência histórica: uma para servir como suporte passivo, outra para se estabelecer como base para especulação ativa.

É comum nas diferentes vertentes historiográficas a premissa de que apenas aquilo que se ajusta subjetivamente à perspectiva humana, com base na objetividade das representações e documentos selecionados, pode ser considerado como “histórico”. Nesse sentido, deve-se ressaltar que toda a concepção histórica que se origina desse núcleo conceitual assumiu as escolhas subjetivas do autor como o fundamento primordial na construção de qualquer estrutura especulativa capaz de fortalecer a possibilidade histórica. Além disso, os dados selecionados e coletados pela mente durante essa elaboração são os componentes objetivos que sustentam as escolhas subjetivas, sem os quais nada poderia ser produzido em termos de progressão pedagógica ao longo do trabalho em questão.

Dentro dessa perspectiva, a história, para os defensores da historiografia enquanto ciência autônoma, é concebida apenas como um engenho meramente humano, constituída por meio de reflexões e indagações de natureza mais ou menos conclusiva acerca de eventos memoráveis da existência humana, quando considerada em um conjunto enfático particular, excluindo qualquer fator de ordem supratemporal.

Denominamos *Conjunto Enfático* a seleção especializada da área abrangida em um estudo de caso, isto é, o grau de ênfase conferido pelo autor ao objeto de sua obra histórica. Podemos distingui-lo em três tipos: o *Total*, que engloba a humanidade como

um todo, como uma metanarrativa ecumênica ou universal; o *Focal*, que se debruça sobre períodos e fases específicas; e o *Pontual*, que se dedica a objetos restritos, tais como personagens ou instituições singulares. Via de regra, em nenhum deles a presença substancial de um fator supratemporal é concebido.

A presença dos três tipos mencionados permeia a grande maioria das obras formais, configurando-as em diferentes proporções, o que suscita a noção de que apenas aquilo que é considerado relevante ao homem - e pode ser corroborado por meio de evidências concretas - merece lugar na trama histórica. Porém, no âmbito desta exposição sintética, tal consideração se restringe ao domínio da *História Formal*, que relega um tanto os aspectos naturais e pessoais ligados à memória eterna, isolando-se dentro de seu contexto delimitado, embora de inegável importância e utilidade.

Até este momento, temos discorrido sobre o primeiro patamar, o *Modo Dinâmico* de participação na história, que engloba os seres mutáveis e é compreendido pelo homem enquanto participante ativo, ao lado de participantes passivos, como no caso dos seres irracionais que se transformam ao longo do tempo. Neste ponto em diante, é preciso introduzir uma noção que nos permitirá compreender como a *História Sintética* harmoniza os símbolos temporais das três dimensões em um desígnio mais amplo. Essa noção é o que denominamos *Modo Estático* de participação na história, mas preferimos abordar esse importantíssima questão em um trabalho ulterior.

Em vista de tudo que foi dito, podemos definir a *História Sintética* como a *unidade entre o desenvolvimento da criação e a ação divina*, um fator substancial criativo que sustenta e unifica toda a ordem tridimensional descrita até aqui, sendo o homem, o símbolo máximo desta ação no reino da temporalidade, sem o qual, a própria possibilidade das três dimensões históricas seria completamente desprovida de realidade. O homem é a junção, o eixo de passagem pelo qual a *História Sintética* pode ser, em certa medida, experimentada e compreendida, de modo narrativo, para sua orientação e realização na unidade da realidade que o transcende e abarca.
